

COLETA DE CORES: UMA ODE A MINAS GERAIS

MARIA ZÉLIA BORGES

Ricardo Iannace*

Muitos são os escritos que nascem de uma autodeterminação, de um estímulo. O ponto de vista vale também para composições de escopo científico que, ao eleger, investigam dado objeto em conformidade com estruturas textuais distintamente catalogadas. Mas há, nesse segmento, faturas menos aderentes a gêneros estratificados: gravam-se, em certa medida, sob a rubrica da insubordinação, identificando-se com o literário.

De fato, *formas* são recriadas; emergem para traduzir o *à volta*. E nessa plataforma se fixam rastros, visos, sinais estabelecendo o jogo, as ambigüidades, sem o que não existiria a *escritura* como a concebe Jacques Derrida (1930-2004). O pensador franco-argelino, a cujo nome se associam termos caros e controversos entre críticos contemporâneos (desconstrução, *différance* e tantos outros), afiança que na textualidade reside uma assinatura: a assinatura do Autor – circunscrito a um tempo e a um espaço, sempre no aguardo de contra-assinantes. Pois o leitor – assegura o filósofo pós-estruturalista –, rompendo com o aparente estado letárgico do texto, antes exime toda e qualquer matéria verbal do luto a que está sujeita a espécie humana (jamais a *escritura!*), porque a palavra em situação de discurso é *ad eternum* (re)descoberta.

O livro de Maria Zélia Borges, *Coleta de cores: uma ode a Minas Gerais*, projeta sugestivo vitral, pautado por expedientes da prosa de João Guimarães Rosa. Inscreve-se a autora com encantatória ousadia ao entremear a voz em primeira pessoa, tal se depreende das laudas de um diário e de narrativas de memória, na manipulação e apresentação dos verbetes que estrutura, descrevendo e conceituando, movendo-se regularmente do campo etimológico para o semântico nesse criterioso terreno lexicográfico. Com efeito, o modo de enunciar confere a essa coleta um enlevo... sem igual.

* Bacharel em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo e professor da Universidade São Marcos. E-mail: ricardoianance@uol.com.br.

Prover de reminiscências, ao tecer a rede que *define* cores por um bordado pouco previsível, afigura engenhoso predicado. É o que se segue, por exemplo, às frases que precisam e detalham *amarelim*: “Os dicionários não registram, mas o diminutivo nos nomes das cores, pelo que tenho na memória – e memória de quem foi criada por duas costureiras – indicava ‘uma tonalidade clara’”.

Sem dúvida, a pesquisadora radica na gramagem de seu texto a sua procedência, vista e entrevista pelo luzir dos tons e entretons que recolhe da terra de Rosa. E adverte no capítulo inicial: “Escolhi, para este estudo, cores registradas em território mineiro por preferência visceral e atávica, pois sou também mineira”. Naturalidade que lhe insufla certos juízos: “São cor de castanha diversas tonalidades do gado bovino e eqüino, como é morena, trigueira a tez da gente mineira, sobretudo a campesina, queimada pelo trabalho ao sol”.

Descortinam-se os contos inseridos em *Sagarana* – revisitados através de portal que filtra nuanças cromáticas, retendo-as. Daí esse repertório se desenhar em faixas, como as de um arco-íris. Ou seja, a Parte I do trabalho, que recebe o título do livro, precedendo a Parte II, que delinea pressupostos crítico e teórico, ocupa-se de agrupar as cores em séries correlatas. Nessa perspectiva, saltam classificações, antepondo-se à ocorrência, no fabulário rosiano, do amarelo, azul, branco, cinza, laranja, marrom, preto, verde, vermelho. Adiante-se que o *catálogo* do mineiro de Cordisburgo se abre ininterruptamente para inclusões, ostentando combinação inimaginável, fantasista – mítica e prodigiosa ourivesaria em feixe de luz.

A reunião firmada por Maria Zélia Borges assimila essa linguagem das cores atentando para grafismos e figuras (metáfora, metonímia, onomatopéia, aliteração...), recobrando, nesse sistema, motivação e empréstimos lingüísticos. Divisa-se um complexo vivo, uma vez que tal publicação alcança as cores em sua fortuna sensorial: afora as frias e as quentes, outras correspondências excedem essa temperatura, na medida em que aromas sintonizados com substâncias que emitem mensagem ao paladar radiam fluxos altamente luminosos.

Isso porque se testemunha, em Rosa, a não-casualidade no tocante à maquinação dessas ondas. Segundo a *Coleta...*, o contista experimenta analogias que tanto valorizam definições dicionarizadas como, na falta, as inaugura por meio de eventos imagéticos: “Vermelho é cor de dor de cabeça”, em “O burrinho pedrês”, ao passo que *canela*, que o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* registra como “cor acastanhada da canela em pó”, mostra-se, no mencionado conto de *Sagarana*, sinonimizando crioulo: “E o marruaz, crioulo, esse ali cor de canela [...]”. Nesse inventário rosiano, deita-se à natureza um aquarelado singular, rico em aproximações:

Cor de céu que vem chuva - *cor metafórica por excelência, fala da cor do boi Calundu comparada à cor cinzenta do céu ao prenúncio de chuva. Ocorrência: “Cor de céu que vem chuva. Berrava rouco, de fazer respeito... (O burrinho pedrês, Sagarana, p. 38).*

A *cor de água*, que o *Dicionário Aurélio* apresenta como “líquido incolor, sem sabor e cheiro”, insurge-se em pátina aclimatada ao sinistro, já que estampa, num dos textos de Rosa, “cor pouco definida”, “pois veste mulheres-fantasma [...] que passam diante de personagem que delira”: “Passam umas mulheres vestidas de cor de água, sem olhos na cara para não terem de olhar a gente...’ (A volta do marido pródigo, *Sagarana*, p. 147)”.

Coleta de cores: uma ode a Minas Gerais é daqueles livros que levam aficionados a hesitar quanto à seção da estante a aloca-lo. Afinal, a sua natureza o permite entre pares de linhagem não necessariamente lexicográfica, acomodando-se, portanto, seja entre títulos que se debruçam sobre a palavra na ficção do maior escritor que a literatura brasileira conheceu no século XX seja entre demais feitos intelectuais que denotam referência a todo entusiasta da pesquisa; quer, ainda, entre volumes que versam sobre filosofia e estética (Lembre-se: Goethe é autor de um tratado poético intitulado *Doutrina das cores*), como sobre iconografia em geral. Aliás, essa *colheita* de Zélia traz anexas onze fotos, imagens de seu acervo pessoal – verdadeiros cartões-postais da policromática geografia mineira: serras, matas, campos, flores. Um presente aos olhos do espectador, um hino paisagístico a Minas.

Elisa Guimarães, em prefácio à obra, observa: “cortada em fiapos como a couve na mesa mineira, a pesquisa empreendida pela professora é empolgante, e o texto elaborado com um requinte artesanal de cientificidade – como convém ao trabalho acadêmico”.

A propósito, se a couve é prato tipicamente mineiro, aventa-se, para concluir a resenha desse livro tão substancioso, remissão à goiabada com queijo... em tiras branca e marrom. Cores... em contos de Rosa.

BORGES, Maria Zélia
<i>Coleta de cores:</i>
uma ode a Minas Gerais
São Paulo: Sguerra, 2004.